

A variação linguística no português falado em municípios do nordeste paraense

The linguistic variation in Portuguese spoken in the paraense northeast countryside

*Elisa Maria Pinheiro de SOUZA**

RESUMO: O presente artigo apresenta o relato do desenvolvimento da pesquisa “Aspectos Semânticos e Lexicais do Português falado no Pará”, empreendida com o objetivo de mapear os aspectos semânticos e lexicais da variedade do português falado em pontos de inquéritos constituídos pelas zonas rurais dos municípios Inhangapi, Irituia, Marapanim, São Domingos do Capim e São Miguel do Guamá, integrantes da Amazônia paraense. O estudo foi norteado pelo referencial teórico da Dialetoologia pluridimensional e relacional desenvolvida por Thun (1998b) e, também, pelos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística, e da Geolinguística, com recorrência a autores como Cardoso e Ferreira (1994), Aguilera (2005), Brandão (2005) e Labov (2008), dentre outros. Em cada ponto de inquérito, considerando as variáveis de sexo, faixa etária e escolaridade, foram escolhidos dez informantes, os quais representaram a população amostra, sendo a eles aplicado o questionário semântico-lexical (QSL) do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). As análises foram realizadas considerando as dimensões: diatópica, diagenérica e

ABSTRACT: This article presents the report of the development of the research “Semantic and Lexical Aspects of the Portuguese spoken in Pará”, undertaken with the objective of mapping the semantic and lexical aspects of the variety of Portuguese spoken in survey points constituted by the rural areas of the municipalities Inhangapi, Irituia, Marapanim, São Domingos do Capim e São Miguel do Guamá, members of the Amazon region of Pará. The study was guided by the theoretical framework of multidimensional and relational dialectology developed by Thun (1998b) and also by the theoretical-methodological assumptions of Sociolinguistics and Geolinguistics, with reference to authors such as Cardoso and Ferreira (1994), Aguilera (2005), Brandão (2005) and Labov (2008), among others. At each point of inquiry, considering the variables of sex, age and education, ten informants were chosen, which represented the sample population, being applied the semantic-lexical questionnaire (QSL) of the Linguistic Atlas Project of Brazil (ALiB). The analyzes were performed considering the dimensions: diatopic, diagenetic and

* Doutora em Educação. Professora da Universidade do Estado do Pará (UEPA). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7938-6078>. yanaeli1@hotmail.com.

diageracional da variação ocorrida na fala dos informantes. Os resultados foram apresentados em glossários e cartas linguísticas para demonstrar a importância das pesquisas dialetológicas para o conhecimento da norma lexical de um espaço geográfico.

diagerational variation in the informants' speech. The results were presented in glossaries and linguistic letters to demonstrate the importance of dialectological research for the knowledge of the lexical norm of a geographic space.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística.
Geolinguística. Dialetoлогия.
Pluridimensional.

KEYWORDS: Sociolinguistics.
Geolinguistics. Dialectology.
Pluridimensional.

1 Introdução

No Brasil, há cerca de 150 línguas indígenas faladas convivendo com a língua portuguesa (D'ANGELIS, 2019). Essa diversidade decorre dos inúmeros contatos linguísticos que aconteceram e ainda acontecem na língua materna, fato marcante na história do percurso do português falado em solo brasileiro. No entanto, é evidente a expansão da língua portuguesa nesse espaço geográfico, demonstrada pelo quantitativo de falantes, fato que às vezes, torna-se uma ameaça às línguas faladas, pelos povos indígenas.

Nesse estudo, o foco esteve voltado para a identificação de possíveis variantes linguísticas na fala dos usuários da língua materna nas localidades pesquisadas, considerando fatores extralinguísticos, entre os quais, ressalta-se os aspectos sociais, geográficos, etários e cultural que norteiam as dimensões da variação linguística determinadas pela Dialetoлогия pluridimensional e relacional, com base nos pressupostos teóricos da Sociolinguística e da Geografia Linguística.

No Brasil, muitas pesquisas sobre variação lexical na língua portuguesa têm sido realizadas, com destaque para o Projeto Atlas Linguístico do Brasil - ALiB¹ e para a construção de atlas regionais, os quais visam o mapeamento linguístico do Brasil,

¹ Empreendimento de grande amplitude, de caráter nacional, que objetiva a elaboração de um atlas linguístico do Brasil, sob a égide da UFBA em conjunto com doze universidades brasileiras.

investigando, mais detidamente, as variantes de cada região do país, tais como, o Atlas Linguístico do Acre – AliAC, o Atlas Linguístico do Pará – ALIPA, Atlas Linguístico da Paraíba – ALPB, Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM. A relevância dos estudos dialetais para as pesquisas sociolinguísticas incide na possibilidade de registro da língua em seu contexto de uso e, também, pela contribuição dada à elaboração de atlas linguísticos. Resultados de pesquisas, tais como “A construção do Atlas Linguístico do Brasil: o percurso do ALiB” e “Estudo da Variação Lexical na Amazônia Paraense: um olhar sobre o Atlas Linguístico do Brasil” que, tratando de temáticas semelhantes e considerando as dimensões da variação linguística, indicam a ocorrência de traços linguísticos na fala dos usuários da língua materna, corroborando com a afirmação sobre a existência de variações semânticas e lexicais no falar desses falantes.

Para os sociolinguistas, as variações e as mudanças linguísticas ocorrem entre os falantes, considerando que eles, em seus espaços de fala, compartilham atitudes e normas sociais, como também, características linguísticas que os diferem de outros grupos sociais, valendo o destaque para o fato de as variações identificadas na linguagem dos falantes se constituírem como o instrumento identitário de cada comunidade de fala e, conseqüentemente, possibilitarem a identificação da existência de uma grande variedade regional e sociocultural no português do Brasil.

A escolha da temática justificou-se pelo fato de a pesquisa dialetal permitir o conhecimento das características e tendências linguísticas e culturais importantes para o registro e a valorização da identidade cultural de uma comunidade. A justificativa estende-se para a escolha do Pará como ponto linguístico, por ser este o segundo maior estado em extensão do território nacional, dotado de um campo vasto para pesquisas dialetais.

O Estado do Pará apresenta grande diversidade, tanto sociocultural quanto espacial, o que implica em uma cultura regional caracterizada pela mistura de raças e ritmos. Sua formação social, geneticamente, teve contribuição europeia, indígena e

africana, mas recebeu, também, influência cultural de imigrantes dentre os quais, os japoneses, introdutores do cultivo de juta, pimenta-do-reino, mamão hawai e melão; os italianos e libaneses, partícipes do desenvolvimento da economia paraense e os franceses que atraídos pelo Ciclo da Borracha (1879 a 1945), instalaram-se em Belém, tornando-a conhecida como *Paris N'América* e os maranhenses, migrantes nacionais, que vieram em busca de melhores condições materiais (CRUZ, 1963).

A pressuposição da existência de um leque de variações no discurso oral dos usuários da língua portuguesa e a possibilidade de desvendar, registrar e documentar esse mosaico de línguas brasileiras suscitou o interesse acadêmico e constituiu-se o ponto de partida para o desenvolvimento da pesquisa sobre o desenvolvimento da língua, com foco na diversidade linguística, tendo por objeto de estudo, a configuração lexical e semântica do uso do português falado no espaço pluridimensional constituído por nove comunidades rurais, consideradas como pontos de inquéritos, a saber: Cumarú e Boa Vista (município de Inhangapi); Itabocal (município de Irituia); Camará e Vila Monte Alegre do Maú (município de Marapanim); Catita e Taperaçu (município de São Domingos do Capim); Tatuaiá e Canta Galo (município de São Miguel do Guamá), integrantes do Nordeste paraense. Tudo em prol da valorização dos estudos feitos acerca dos falares praticados nos municípios pesquisados; respeito que se deve a todos os falantes da língua portuguesa e divulgação no meio acadêmico e social.

A escolha das áreas dialetais rurais teve como motivação o fato de a função de agentes da pesquisa ter sido desempenhada por alunos do curso de Letras da Universidade do Estado do Pará (UEPA) os quais eram nativos dessas localidades e, por isso, próximos aos informantes ou por parentesco ou por amizade.

Vale ressaltar que após a aplicação do Questionário Semântico Lexical (QSL) constituídos por 256 questões, distribuídas em 14 campos semânticos, para a produção deste artigo, foi selecionado, a título de exemplificação, apenas o contexto de variação lexical pertinente ao item 97 integrante do campo semântico 05.

Com a proposição de apresentar o desenvolvimento da pesquisa, o trabalho está estruturado, além da introdução, que contextualiza o tema em estudo, em três seções. A primeira aborda o aporte teórico da pesquisa; a segunda, a trajetória metodológica e a terceira apresenta os resultados da pesquisa. Seguem-se a este, algumas considerações e as referências.

2 Pressupostos teóricos

A pesquisa sobre as variantes linguísticas dos falantes nativos das zonas rurais dos municípios Inhangapi, Irituia, Marapanim, São Domingos do Capim e São Miguel do Guamá, integrantes do Estado do Pará fundamentou-se, teoricamente, nos estudos da Sociolinguística, desenvolvidos pelo norte-americano William Labov (2003)², pela Geografia Linguística de Jules Gilliéron³ e na Dialetoлогия pluridimensional e relacional desenvolvida por Thun (1998)⁴.

Antes de referenciar Sociolinguística, Geolinguística, também denominada de Geografia Linguística, e Dialetoлогия pluridimensional e relacional é relevante enunciar que o entendimento sobre variação linguística e variável linguística segue a concepção de Tarallo (1985, p. 8) que afirma: serem, respectivamente, “as diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade” e o “o conjunto de variantes que se encontram em duelo de contemporização”. Segundo o referido autor, a variante linguística pode ser padrão ou

² William Labov – linguista estadunidense, amplamente considerado o fundador da sociolinguística variacionista, dedicou-se ao estudo dos princípios mais gerais que governam a alteração da estrutura linguística (BELINE, 2011).

³ Jules Gilliéron - linguista suíço-francês e dialetoлогista, elaborador do Atlas Linguístico Francês em parceria com Edmond Edmont publicado em fascículos entre 1902 e 1910 (<https://www-britannica-com.translate.google/biography/Jules-Gillieron>).

⁴ Harald Thun – Linguista alemão, com experiência na área de Linguística, atuando principalmente nos seguintes temas: sociolinguística, pluridimensionalismo, dialetoлогия, contatos linguísticos e romanística (<http://lattes.cnpq.br/1908310939458842>).

não padrão, conservadora ou não, de prestígio ou estigmatizada. Considerando que, no geral, a variante padrão seja conservadora e de prestígio e a variante inovadora seja a não padrão e estigmatizada, nem sempre há a constatação da coincidência entre os três pares acima citados, haja vista a ocorrência de casos de diversificação, afinal nada em uma variante a define com boa ou ruim, correta e incorreta, tanto que para o autor supracitado, a língua pode ser determinante para a identificação das comunidades de fala e demarcação de diferenças sociais no seio de uma comunidade.

A Sociolinguística se propõe a analisar e sistematizar a competição entre as variantes linguísticas existentes em uma comunidade de fala, mostrando que na verdade são as mesmas, garantindo, assim, a comunicação entre os falantes. Conforme o modelo linguístico de Labov, a que se denomina sociolinguística quantitativa por tratar dados coletados estatisticamente, toda língua está intrinsecamente ligada às questões sociais, definindo os estudos referentes à “relação entre língua e sociedade e na possibilidade virtual e real desistematizar a variação existente e própria da língua falada” (TARALLO, 1990, p. 7).

Chomsky concebe a Sociolinguística como uma resposta à ausência do aspecto social ao modelo gerativo, afinal, “esse falante-ouvinte ideal, não é tão ideal, assim, pois é impossível que ele conheça todas as variantes” (TARALLO 1990, p. 7). Considerando tal visão, não existem comunidades linguísticas homogêneas e sim, comunidades heterogêneas com falares diversificados. Para Câmara Jr. “a língua é uma parte da cultura, mas uma parte que se destaca do todo e com ele se conjuga dicotomicamente [...]” (1972, p. 53), “[...] é o resultado dessa cultura ou, em sùmula, é o meio para ela operar, é a condição para ela subsistir” (1972, p. 269). É possível inferir, diante dessas afirmações, que para conhecer um grupo humano, é necessário pesquisar sua história, seus costumes, seu ambiente social e a forma como representa a realidade que o circunda.

Na Sociolinguística, são trabalhados os conceitos de língua enquanto sistema linguístico utilizado pelos membros de uma comunidade de fala⁵, como instrumento de comunicação; dialeto, segundo Dubois (1978, p. 184) como “forma de língua que tem o seu próprio sistema léxico, sintático e fonético, e que é usada num ambiente mais restrito que a própria língua” e a fala “é a atividade psico-físico-fisiológico de atualização do discurso (FIORIN, 2005, p. 80).

A Geolinguística ou Geografia Linguística ocupa-se com o estudo das línguas no seu contexto geográfico. O interesse pelos modos de expressão diferenciados surgiu no momento da reconstrução da protolíngua do indo-europeu por meio dos estudos comparativistas entre as famílias e subfamílias de línguas. Os dialetos eram fontes de conhecimento sobre a realização das transformações, em fases anteriores das línguas; as descrições dialetais eram realizadas com o rigor exigido pelas ciências naturais, obedecendo a uma metodologia bem definida, a qual segundo Gilliéron (1910, p. 12) deveria ser baseada no princípio “de que só um leigo poderia fornecer um retrato fiel da realidade fonética, não se deixando trair por conhecimento, expectativas ou preconceitos linguísticos”.

Gilliéron (1910) considerado o fundador da Geografia Linguística como método dialetológico e comparativo que pressupõe o registro em mapas especiais de formas linguísticas (fônicas, lexicais ou gramaticais) comprovadas por pesquisa direta unitária em pontos de um determinado território, tendo em vista a distribuição das formas no espaço geográfico correspondente, seja à língua, às línguas, aos dialetos e aos falares estudados.

Pela literatura existente acerca do assunto é possível concluir que nenhum método é suficiente para abarcar a totalidade da variabilidade de uma língua, apesar

⁵ A comunidade de fala não é definida por nenhum acordo/contrato no uso de elementos de língua, mas pela participação em um jogo de normas compartilhadas; tais normas podem ser observadas em tipos claros de comportamentos avaliativos e pela uniformidade de modelos abstratos dos padrões da variação que são invariáveis em relação aos níveis particulares de uso (LABOV, 1972, p. 120-121)

de os princípios da Geografia Linguística e os da Sociolinguística ensejarem um melhor conhecimento dos mecanismos com que opera uma língua e dos fatores que determinam sua evolução.

A Dialetoologia Pluridimensional e Relacional é a junção da Sociolinguística e a Dialetoologia que contribui para uma “ciência geral da variação linguística e das relações entre variantes e variedades por um lado e falantes por outro”⁶ (THUN, 1998, p. 703-704), para estabelecer a “Combinação dos planos geo e sociolinguístico, ora buscando dialetologizar a sociolinguística, ora socializar a dialetologia” (THUN, 1998, p. 703-704).

Estudos geolinguísticos desenvolvidos, principalmente, na América do Sul têm agregado à Dialetoologia conhecimentos advindos da Sociolinguística, pertinentes às variáveis sociais, como sexo, faixa etária, escolaridade, à inclusão do informante topodinâmico⁷ a fim de “documentar não somente a coexistência de língua e variedades, mas também a mútua influência que exercem umas sobre outras” (RADTKE; THUN, 1991, p. 41).

A Dialetoologia, no panorama tradicional, fundamentava-se na preocupação dos estudiosos com o resgate de dados e a documentação dos diferentes estágios da língua; atualmente, é concebida como a ciência que procura identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica. Na perspectiva moderna, considera as dimensões de natureza social e o enfoque diatópico (diferenças regionais) ainda continua sendo o seu ponto central. Compartilha interesses comuns com a Sociolinguística, em virtude de as duas se ocuparem da diversidade de usos da língua e atribuírem um caráter particular e individualizante ao tratamento do objeto de estudo, no entanto, se

⁶ “ciencia general de la variación lingüística y de las relaciones entre variantes y variedades por un lado y hablantes por el otro” (THUN, 1998, p. 703-704).

⁷ Pessoas oriundas de outras regiões, de diferentes níveis de interlocução e de áreas de investigação, onde há o contato de línguas.

distinguem pelo tratamento dado aos fenômenos e pela perspectiva impressa na abordagem dos fatos linguísticos. Enquanto a Dialetoлогия considera os fatores sociais e sua localização espacial como elementos base na pesquisa, a Sociolinguística correlaciona os fatos linguísticos e os sociais.

A Dialetoлогия pluridimensional e relacional, proposição de Thun (1998) trouxe uma nova perspectiva para a teoria da variação linguística, relacionando os quadros teóricos e metodológicos da Dialetoлогия tradicional (plano horizontal - diatópico) com os da Sociolinguística quantitativa (plano vertical - diastrático) em que a língua se configura, ou seja, unindo a Dialetoлогия e a Sociolinguística em uma Dialetoлогия mais abrangente. A esse respeito o autor afirmou o seguinte:

A Dialetoлогия areal e a Sociolinguística, disciplinas historicamente separadas, convergem para a geolinguística ampliada que pode chamar-se oportunamente “dialetoлогия pluridimensional” e que se entende como parte da ciência geral da variação linguística e das relações entre variantes e variedades por um lado e falantes por outro. [...]. Não deixa ser geolinguística porque a dialetoлогия pluridimensional não pode renunciar à variação diatópica e à superfície bidimensional. Seu campo favorito são a superfície e o espaço suficiente grande para que apareçam todas as inter-relações. Mas essa preferência pela macroanálise não exclui a possibilidade de que a dialetoлогия pluridimensional funcione em menor escala (em mesozonas e microzonas)⁸ (THUN, 1998, p. 703-704. Tradução minha).

⁸ A La Dialectología areal y La Sociolingüística, disciplinas históricamente separadas, confluyen en una geolinguística ampliada que puede llamarse oportunamente “Dialectología pluridimensional” y que se entiende como parte de la ciencia general da variación lingüística e de las relaciones entre variantes y variedades por un lado y hablantes por el otro. [...]. No deja de ser una geolinguística porque la Dialectología pluridimensional no puede renunciar a la variación diatópica y a la superficie bidimensional. Su campo predilecto son la superficie y el espacio lo suficientemente grande para que aparezcan todas las interrelaciones. Pero esta preferencia por el macro análisis no excluye la posibilidad de que la Dialectología pluridimensional trabaje en escala menor (en mesozonas y microzonas) (THUN, 1998, p. 703-704).

Pela literatura circulante, o conceito de Dialetoologia pluridimensional foi desenvolvido por pesquisadores alemães como Edgard Rievertes Radtke e Harald Thun, da Universidade de Kiel. Para Thun (2005) as dimensões sociolinguísticas mais relevantes são: **Dialingual** (comparação de uma mesma língua por pessoas de origens diferentes), **Diatópica** (pesquisa com número indeterminado de lugares), **Diatópico cinético** (movimento combinado no espaço – topostático e topodinâmico), **Diastrática** (dimensão entre classes sociais), **Diageracional** (faixas etárias), **Diassexual ou diagenérica** (envolvimento de parâmetros inerentes a homens e mulheres), **Diafásica** (estilos de fala de acordo com o tema, circunstâncias e formação cultural), **Diarreferencial** (estudo seletivo, não contrastivo, com parâmetros na fala objetiva – emprego da língua para falar sobre as coisas – e na fala metalinguística – uso da língua para falar sobre a língua).

Inicialmente, a Dialetoologia abordava as dimensões diastrática, diatópica e diafásica, as quais enfatizavam, respectivamente, a inclusão de informantes de classes sociais diferentes, relacionando com a topoestaticidade dos informantes naturais da região pesquisada e graus de interlocução diferentes. Thun, considerando que são tantas as dimensões quanto os aspectos a serem observados em uma língua, ampliou o conceito de dimensão limitada para ilimitada.

Com a evolução dos estudos dialetológicos e o reconhecimento da relevância dos fatores extralinguísticos, para análise e explicação das variações linguísticas, torna-se necessária a abordagem da pluridimensionalidade estrutural de uma dada comunidade ou grupo de falantes. O número de dimensões a ser observado passa a ser ilimitado, dependendo da estrutura da sociedade.

A Geolinguística, tendo como objeto o estudo das línguas no seu contexto geográfico, apesar de outras orientações, possibilita a identificação e a descrição dos domínios linguísticos e de áreas dialectais etc.; a teoria Sociolinguística apresenta instrumentos que viabilizam a compreensão de questões referentes à relação entre

linguagem e sociedade; a dialetologia, campo da sociolinguística estuda as variações linguísticas baseadas na distribuição geográfica e associação de características. A junção desses campos de estudos constitui um novo olhar direcionado à análise sistemática da variabilidade das línguas.

Pela historiografia linguística, observa-se que a língua, há muito, tem sido objeto de estudo e vem se ampliando e se tornando mais premente desde o surgimento da corrente estruturalista e do gerativismo, capitaneadas, respectivamente por Saussure e Chomsky, que a consideravam como uma realidade abstrata, desvinculada de fatores históricos e sociais, até surgir nos Estados Unidos a Sociolinguística, relacionando a língua e sociedade e tendo William Labov como seu principal expoente, apesar de, conforme Coelho (2010, p.15), a prática usual de relacionar língua e sociedade já ser presente na reflexão de diversos autores do início do século XX, tanto que surgiram várias proposições teóricas distinguidas pela influência do contexto histórico em que cada pensador vivia.

De acordo com Labov (1972), a existência da variação nas comunidades de fala é comprovada pelo fato de não haver a expressão de algo, de forma igual por dois falantes, nem mesmo a expressão de algo, de uma mesma maneira, por um só falante, diante de diferentes situações de comunicação. Para ele, tais ocorrências são características das comunidades de fala, nas quais os falantes compartilham traços linguísticos que os distinguem de outros grupos; Coelho (2012) compartilha a ideia de que o funcionamento do sistema linguístico e a comunicação entre os falantes não são comprometidos com a existência da variação, eles são constituintes da identidade linguística dos falantes.

Entre os teóricos que ancoraram a base teórica da sociolinguística laboviana, destacam-se o linguista francês Antoine Meillet, enfatizando o caráter social e evolutivo da língua; Bakhtin, linguista soviético, partilhando da concepção de mudança linguística historicamente motivada pelos diferentes contextos de uso da

língua; Émile Benveniste concebendo a ideia de que indivíduo e sociedade se determinam mutuamente dentro da e pela língua.

No Brasil, segundo Bagno (2015, p. 8) não se fala uma única língua, haja vista a existência de comunidades de fala responsáveis por mais de duzentas línguas faladas em diversos pontos do país, dentre elas, destacam-se as dos indígenas e de imigrantes estrangeiros que mantém viva a língua dos seus ancestrais. O autor ainda afirma que a complexidade linguística incide na própria língua portuguesa falada no Brasil, que apresenta diferenças fonéticas, sintáticas, lexicais e semânticas entre as regiões brasileiras e dentro dessas mesmas regiões, se forem consideradas questões como gênero, faixa etária, situação socioeconômica, nível de instrução, zonas urbanas e rurais, etc. Em razão disso é que muitos linguistas defendem a tese de que não existe “uma” língua portuguesa, mas sim, um pequeno número de variantes do português, faladas em determinadas regiões, por determinados conjuntos de pessoas, em determinadas épocas.

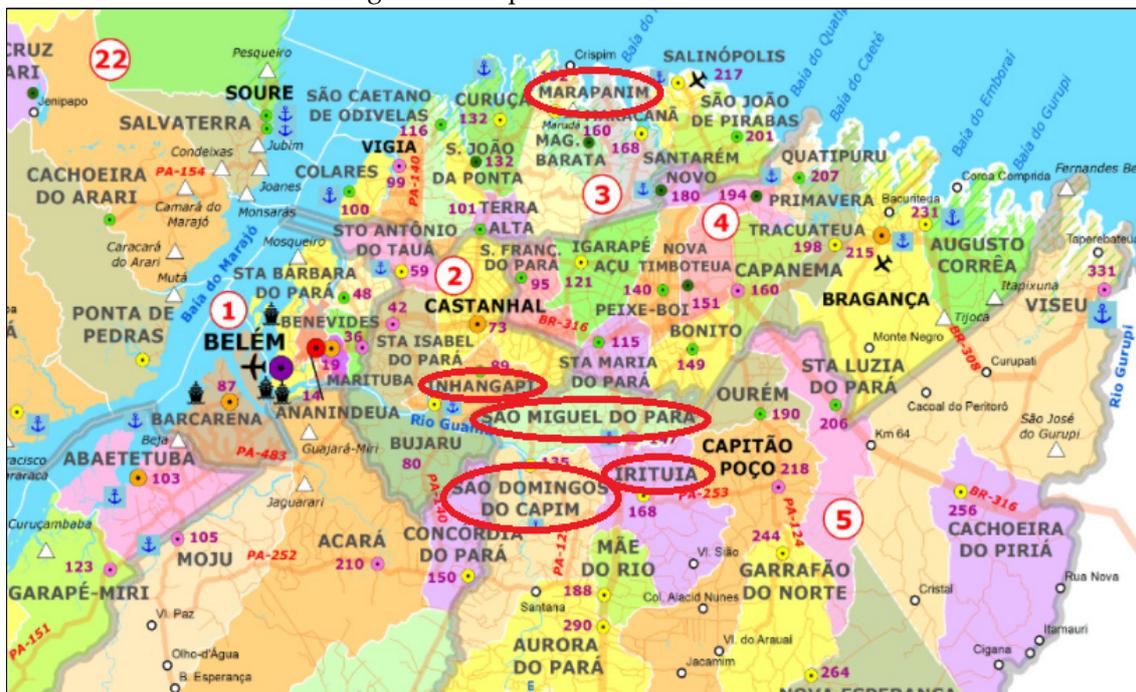
3 Metodologia

O estado do Pará, uma das 27 unidades federativas do Brasil, pertence à Região Norte, tem uma extensão territorial de 1.253.164,5 km², é o segundo maior Estado da União e, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2019), conta uma população estimada em 1.492.745 habitantes distribuída entre os 144 municípios, possuidores de uma área média de 8.664,50 km². População está constituída pela miscigenação das raças: europeia, indígena e africana.

A escolha dos municípios, entre outros possíveis, como pontos de inquéritos ocorreu em função dos agentes de pesquisa residirem nos municípios ou nas proximidades deles, tornando mais viável à realização da entrevista. Assim, fizeram parte da rede de pontos de pesquisa comunidades localizadas nos municípios

paraenses: Inhangapi, Irituia, Marapanim, São Domingos do Capim e São Miguel do Guamá. Na Figura 1 encontram-se destacados os municípios pesquisados.

Figura 1 – Mapa do Nordeste Paraense.



Fonte: <http://geocartografiadigital.blogspot.com/2018/11/mapa-do-estado-do-para-tamanhogrande.html>.

Inhangapi, município fundado em 1943, distante 95 km da capital do estado, localiza-se no Nordeste do estado do Pará, na mesorregião Metropolitana de Belém e é integrante da microrregião de Castanhal, do qual foi desmembrado. Possui uma área de 473.20 km² e conta com uma população de 11. 224 habitantes (IBGE, 2016). Nele foram escolhidas a comunidades de **Cumarú**, localizada a 23 km do município, sem informes certos sobre a sua extensão; nela residem 50 famílias, totalizando uma população de, mais ou menos, 200 pessoas, que vivenciam a cultura de origem Afro-brasileira, com destaque para as tranças nagôs e trajes afros e a comunidade de **Boa Vista** situada às proximidades dos municípios de Bujaru, Santa Izabel, Castanhal e São Miguel do Guamá, região nordeste do estado do Pará, fundada em 21 de Abril de 1962, como o Arraial de Boa Vista.

Irituia, município fundado em 1715, localiza-se na mesorregião do Nordeste Paraense, sendo integrante da microrregião do Guamá. Possui uma área de 1.379.523 km², com uma população estimada em 31.664 habitantes. A pesquisa foi realizada na Vila do Livramento **Itabocal**, comunidade rural pertencente à região do Itabocal, designação oriunda da vasta vegetação de tabocas ao longo do rio de mesmo nome, localizada a 12 km da sede do município.

Marapanim, a “Terra do Carimbó⁹” e das praias paradisíacas, foi fundada em 1931, pertence à mesorregião do Nordeste Paraense, sendo integrante da microrregião do Salgado, limita-se com o município de Curuçá, Terra Alta e Maracanã e possui uma área de 791.959 km, com uma população estimada em 27.471 habitantes. Nele, foram escolhidas a comunidade de **Camará**, com aproximadamente 3.000 mil habitantes e a Vila **Monte Alegre do Maú**, mais conhecida como o Portal da Água Doce, distante 32 km da sede do município e com uma população de 2.000 habitantes.

São Domingos do Capim, “Capital da Pororoca¹⁰”, Cidade do Açai¹¹” foi fundado em dezembro de 1758, pertence à mesorregião do Nordeste Paraense, integrando a microrregião do Guamá, limita-se com o município de São Miguel do Guamá, possui uma área de 1.677.080 km e uma população estimada em 30.978 habitantes. Nele foram escolhidas, como *lócus* da pesquisa a comunidade do **Catita** situada nos arredores do igarapé Catita, pertencente à zona rural e distante da sede do município, aproximadamente, a vinte e cinco quilômetros e a comunidade de **Taperaçu** localizada no ramal do km 10 da PA 252, aproximadamente, 72 km do

⁹ Carimbó é uma dança de roda típica do Pará e popular entre os nordestinos. Marcada por movimentos giratórios, é Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil desde 2014.

¹⁰ Pororoca – também denominada de macaréu ou mupororoca, são denominados fenômenos naturais que ocorrem na Amazônia, produzido pelo encontro das correntes fluviais com as águas oceânicas. O termo origina-se do tupi poro'roka, gerúndio do verbo poro'rog, «estrondar».

¹¹ Açai (*Euterpe oleracea*), palmeira que produz um fruto bacáceo de cor roxa, muito utilizado na confecção de alimentos e bebidas, nativa da várzea da região amazônica, em específico, no estado do Pará, onde se torna um alimento muito importante na dieta dos nortistas.

município de São Domingos do Capim, este fica a 22 km da cidade de Concórdia do Pará.

São Miguel do Guamá fundado em 1758, pertence à mesorregião do Nordeste Paraense, sendo integrante da microrregião do Guamá, possuidor de uma área de 1.110.175 km e com uma população estimada em 56.667 habitantes. Sediaram a pesquisa as comunidades de **Tatuaia**, cujo nome é de origem Tupi-Guarani, significando caminho de tatu, pois aia ‘caminho’ e tatu ‘tatu’ formando ‘caminho de tatu’ e a comunidade **Canta Galo** situada na área ribeirinha do município mas distante do município, em, aproximadamente, 7 horas de barco e 2 horas de carro, conta com cerca de 160 residentes e possui uma associação quilombola devido à grande incidência de influência da cultura africana comprovada pela existência de objetos domésticos utilizados pelos povos que ali habitaram.

Como fontes de pesquisa foram envolvidos quatro informantes de cada comunidade, selecionados com base no critério Geossociolinguística, com a observação de dois de sexos diferentes (masculino e feminino), na faixa etária entre 18 e 30 anos e dois também de sexos diferentes inclusos na faixa etária de 40 e 70 anos. Além da questão da faixa etária, foi observada a escolaridade igual ou inferior a 4ª série (5º ano) do ensino fundamental e comprovação da residência na localidade da pesquisa desde o seu nascimento até a data da entrevista, ou desde os cinco anos de idade, sem terem residido em outras localidades por mais de dois anos.

Para a realização do trabalho de campo foi utilizada a pesquisa descritiva e as abordagens qualitativa e qualitativa, respectivamente, por possibilitar o estudo, análise, registro e interpretação de fatos do mundo físico sem a interferência do pesquisador e pelo caráter exploratório.

A pesquisa foi norteada pelos pressupostos teóricos da dialetologia, sob o método da geolinguística, que considera o pressuposto de que, no universo nada está isolado, tudo está em movimento e mudança, tudo depende de tudo, inclusive, e,

principalmente, o conhecimento. Foi usado o método dialético para a abordagem, em virtude do mesmo direcionar a investigação da realidade, via o estudo da ação recíproca, da contradição do fenômeno e das mudanças que ocorrem na natureza e na sociedade.

Assim, foram instauradas como fases da pesquisa: a coleta dos dados da língua falada, via registros das falas dos informantes selecionados; a descrição das variáveis acompanhadas do perfil completo das variantes; a análise dos fatores linguísticos e extralinguísticos que determinam a variação, considerando o nível linguístico e social do falante e a projeção histórica da variável no sistema linguístico e social; a apresentação da diversidade semântica e lexical da região; a descrição dos resultados obtidos, a partir da frequência das lexias nos campos semânticos; o estabelecimento de comparações entre as variações semânticas e lexicais: diatópica, diassexual, e diageracional, a partir das informações contidas nos dados e a elaboração de glossários de cada comunidade de fala.

No que diz respeito a instrumentos de coleta de dados, houve a realização de entrevistas gravadas em áudio, com o apoio da aplicação do questionário semântico lexical (QSL) adaptado, contendo 256 questões distribuídas em quatorze campos semânticos, a saber: Natureza e acidentes geográficos; Fenômenos atmosféricos; Astros e tempo; Flora: Atividades agro-pastoris; Fauna; Corpo humano; Cultura e convívio; Ciclos da vida; Religiões e crenças, Festas e divertimentos; Habitação; Alimentação e cozinha; Vestuário. Os dados coletados foram de teor quantitativo, os quais nortearam-lhe as medidas, complementando os dados qualitativos, que trataram das descrições, adjetivações, elementos linguísticos, objetos e imagens. Após a coleta oriunda das entrevistas, os dados foram selecionados, tratados e recortados considerando os fatores sociolinguísticos e as variáveis acompanhadas do perfil completo das variantes; em seguida, analisaram-se os fatores linguísticos e

extralinguísticos determinantes da variação, considerando o nível linguístico e social do falante e a projeção histórica da variável no sistema linguístico e social.

4 Resultados

A relação entre língua e sociedade cria um contexto de complementaridade, de modo que uma completa a outra, ou seja, a sociedade influencia a língua falada por aquele povo e vice-versa, resultando numa constante variabilidade daquela língua. Essa dinamicidade da língua pode ser representada pela imensa variedade linguística presente no país, que viabiliza a ocorrência de povos diversos com linguagens e culturas também diversas compartilharem com outros, de forma dinâmica e contínua, suas multiplicidades e singularidades. Assim, no contexto língua/sociedade, surgem questões que, para serem discutidas e entendidas é necessário recorrer às teorias da Sociolinguística, devido ela se ocupar de questões como variação e mudança linguística, bilinguismo e outras. É possível afirmar que a língua que falada hoje é resultado de muitas inovações ocorridas em sociedade e em épocas diferentes, sendo adequado pensá-la como uma realidade dinâmica, que está naturalmente em constante mudança.

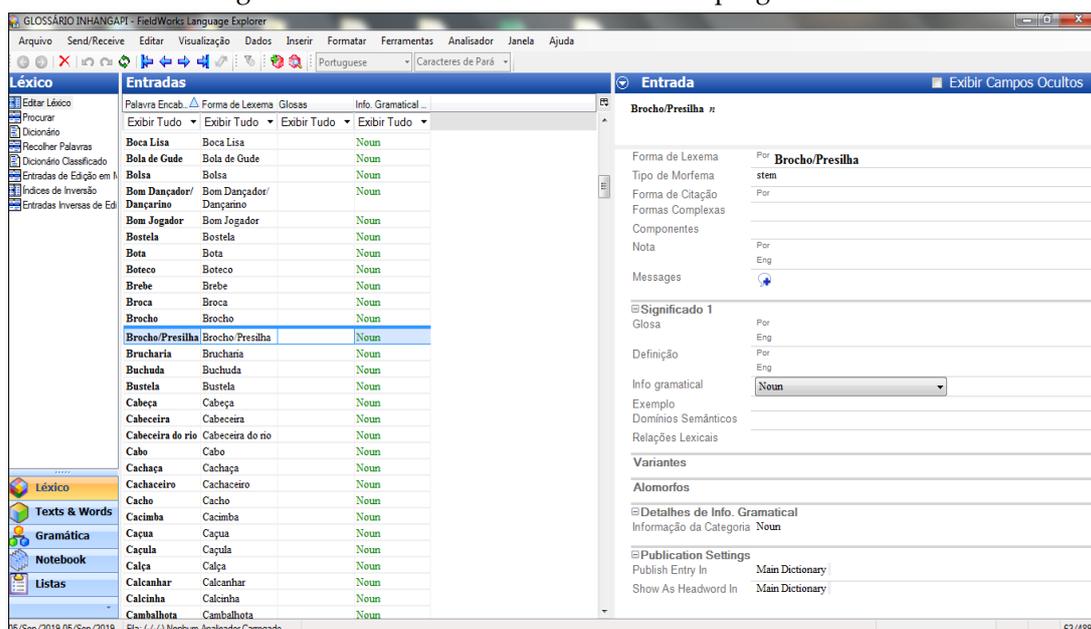
Para organizar o banco de dados e gerar os glossários do léxico falado no nordeste paraense foram utilizados dois programas: o FLE^x¹² (*Fieldworks Language Explore* versão 8.2.8) e o Lexique Pro¹³, os quais possibilitaram o banco de dados coletados e a elaboração de glossários dos léxicos falados nos municípios do nordeste paraense. É válido ressaltar que o *corpus* da pesquisa reuniu 3.255 mil dados documentados no *software* FLE^x referentes ao léxico falado nos municípios

¹² O FLE^x é um programa de distribuição gratuita produzido pela *International Society of Linguistics* (autora, antes conhecida *Summer Institute of Linguistics*). O programa FLE^x pode ser baixado gratuitamente pelo link: <https://software.sil.org/fieldworks/>.

¹³ O Lexique Pro: é um *software* desenvolvido pelo SIL (*Summer Institute of Linguistics*), que permite editar, exibir e distribuir dados lexicais de línguas naturais. O programa LexiquePro pode ser baixado gratuitamente pelo site <http://www.lexiquepro.com/download.htm>.

pertencentes ao nordeste paraense, que são demonstrados abaixo nas figura 2 e 3, respectivamente, a título de exemplos extraídos do banco de dados da presente pesquisa com 489 léxicos coletados somente no município de Inhangapi e uma amostra do glossário feito no Lexique Pro.

Figura 2 – Amostra do banco de dados no programa FLEX.



Fonte: Extraída do Programa Computacional FLEX.

Figura 3 – Amostra do glossário do léxico de Inhangapi.



Fonte: Extraída do Programa Computacional Lexique Pro.

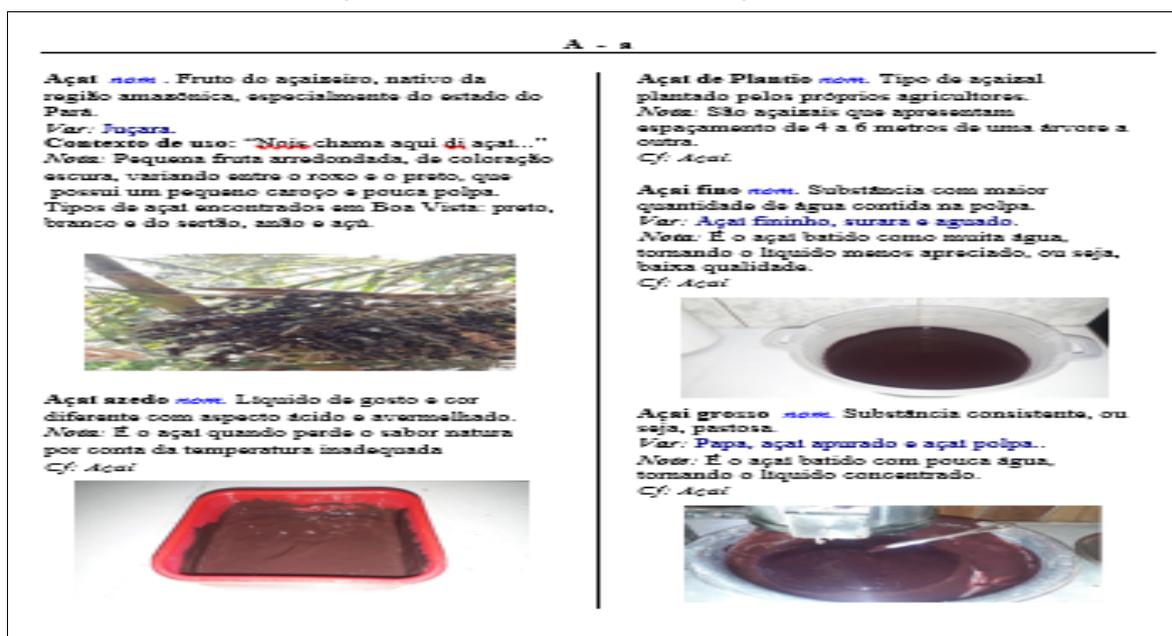
Os glossários elaborados nesta pesquisa são obras lexicográficas e terminográficas cuja estrutura comporta duas partes: a macroestrutura e a microestrutura. A macroestrutura apresenta a composição do glossário e a microestrutura apresenta informações relacionadas aos verbetes, tais como: entrada, categoria gramatical, definição, contexto de uso (quando possível), variantes dos léxicos pesquisados, listadas e/ou discriminadas nos glossários elaborados. O glossário do léxico do município de Inhangapi como obra lexicográfica compila o léxico geral, com os verbetes distribuídos em ordem alfabética e destacados em negritos, com uma linguagem simples e de fácil compreensão para os consulentes da obra e o de Boa Vista é de natureza terminográfica, ou seja, apresenta o léxico especializado falado pelos profissionais que trabalham, no caso, com o extrativismo do açaí na referida comunidade. A título de exemplificação, as figuras 4 e 5 apresentam, respectivamente, o glossário lexicográfico do município de Inhangapi que compila 489 léxicos falados pelas comunidades de Cumaru e Boa Vista e o glossário socioterminológico dos termos especializados do açaí da comunidade de Boa Vista.

Figura 4 – Glossário do município de Inhangapi.

MUNICÍPIO INHANGAPI COMUNIDADE DE BOA VISTA GLOSSÁRIO A - a		
<p>Açaí n. Fruto do açaizeiro, nativo da região amazônica, especialmente do estado do Pará. <i>Var:</i> Juçara. <i>Cont. de uso:</i> "Nois chama aqui di açaí..." (C1). <i>Nota:</i> Pequena fruta arredondada, de coloração escura, variando entre o roxo e o preto, que possui um pequeno caroço e pouca polpa. Tipos de açaí encontrados em Boa Vista: preto, branco e do sertão, anão e açu.</p> <p>Açaí azedo n. Líquido de gosto e cor diferente com aspecto ácido e avermelhado. <i>Nota:</i> É o açaí quando perde o sabor nativo por conta da temperatura inadequada. <i>Cf:</i> Açaí.</p> <p>Açaí de plantio n. Tipo de açazeiro plantado pelos próprios agricultores. <i>Nota:</i> São açazeiros que apresentam espaçamento de 4 a 6 metros de uma árvore a outra. <i>Cf:</i> Açaí.</p> <p>Açaí fino n. Substância com maior quantidade de água contida na polpa. <i>Var:</i> Açaí fininho, surara, aguada. <i>Nota:</i> É o açaí batido como muita água, tornando o líquido menos apreciado, ou seja, baixa qualidade. <i>Cf:</i> Açaí.</p>	<p>Açaí vermelho n. Polpa retirada do fruto bem maduro. <i>Var:</i> Açaí vermelhinho. <i>Nota:</i> É o líquido do açaí de cor avermelhada e sabor bastante apreciado.</p> <p>Açaí grosso n. Substância consistente, ou seja, pastosa. <i>Var:</i> Papa açaí apurado e açaí polpa. <i>Nota:</i> É o açaí batido com pouca água, tornando o líquido concentrado. <i>Cf:</i> Açaí.</p> <p>Açaí marrom n. Polpa retirada do fruto não amadurecido. <i>Var:</i> Sangue de pato. <i>Nota:</i> É o líquido do açaí de cor parda, sendo pouco apreciado pelo consumidor. <i>Cf:</i> Açaí.</p> <p>Açaí médio n. Substância menos consistente. <i>Var:</i> Açaí popular e açaí normal. <i>Nota:</i> É o açaí batido com mais água, tornando o líquido menos pastoso.</p> <p>Açaí nativo n. São açazeiros produzidos pela própria natureza. <i>Nota:</i> São açazeiros que apresentam espaçamento aleatório entre uma árvore e outra.</p>	<p>Açaí natural n. líquido que não há intervenção de temperatura, ou seja, sem resfriamento. <i>Var:</i> Açaí quente, açaí da hora, açaí fresco, açaí fresquinho. <i>Nota:</i> É o açaí batido e consumido no ato da retirada do líquido. <i>Cf:</i> Açaí.</p> <p>Açaí vermelho n. Polpa retirada do fruto bem maduro. <i>Var:</i> Açaí vermelhinho. <i>Nota:</i> É o líquido do açaí de cor avermelhada e sabor bastante apreciado.</p> <p>Açaizal n. Área de cultivo do açaí. <i>Var:</i> Terreno, sítio, mata. <i>Nota:</i> Terreno de extenso aglomerado de açazeiros em determinada área, geralmente, obedece a espaçamento de 4 metros entre uma árvore e outra. Há dois tipos de açazeiro em Boa Vista: nativo (Sem interferência humana) plantio (plantado pelo homem).</p> <p>Açaizeiro reto n. Espécie de árvore que não tem curvatura. <i>Var:</i> Empinado, direito, direta, antena, retinho e reto. <i>Nota:</i> Espécie de açazeiro que não apresenta o caule inclinado.</p> <p>Açaizeiro torto n. Espécie de árvore que apresenta curva no caule. <i>Cont. de uso:</i> "Nós chama assim tortinho...tomo né" (C4). <i>Nota:</i> Tipo de açazeiro inclinado que apresenta curvatura no caule. <i>Cf:</i> Açaí.</p> <p>Água de açaí n. Água que sai do açaí depois de batido. <i>Var:</i> Chula, bernardo, água grossa, churara e surara. <i>Nota:</i> É a reutilização da água do açaí para outras batidas (máquina) tornando-o mais pastoso.</p> <p>Amadurecer v. Fazer chegar a estado comparável à madureza dos frutos; torna (-se) maduro. <i>Var:</i> Maduro, preto, tuiira, tuirinha, silvo, alvinho, cabeça de cotonete, cabecinha davovo, roxincho, cinza e cinzento. <i>Nota:</i> Amadurecer é quando o fruto está pronto para ser colhido.</p> <p>Amêndoa n. semente contida em caroço. <i>Var:</i> Massinha do caroço, miolo do caroço e miolinho. <i>Nota:</i> São massas que ficam na parte interna da semente do açaí.</p> <p>Anel n. Espécie de círculos encontrados no caule do açazeiro. <i>Var:</i> Cintura, anezinhos e marcas do bocó. <i>Nota:</i> Marcas no caule, de onde sai o bocó do açazeiro, ou seja, lugar do bocó.</p>

Fonte: elaborada pela autora.

Figura 5 – Glossário socioterminológico do açaí.



Fonte: elaborada pela autora.

A partir do Questionário Semântico Lexical (QSL) foram aplicadas 256 questões, distribuídas em 14 campos semânticos, mas, para a produção deste artigo, foi selecionado apenas um contexto de variação lexical entre os demais, o qual é explicado a seguir.

A variação lexical selecionada foi a encontrada no item 97 (**trabalhador de enxada em roça alheia** - homem que é contratado para trabalhar na roça de outro?), pertencente ao campo semântico 05 (atividades agropastoris - agricultura, instrumentos agrícolas), devido à consistência observada nas variantes encontradas, em termos de fatores como a compreensão da pergunta feita, resposta satisfatória, única forma lexical apresentada, sem incluir construções frasais com outros tipos de variações não condizentes com a proposta supracitada. Na sequência, foi realizada a seleção dos contextos em que havia somente variações lexicais, pois grande parte dos dados permuta entre variações fonológicas e morfológicas.

A quantificação das variantes ocorreu a partir das variações diatópicas, diageracionais e, também, uma de uso geral sobre as variantes encontradas para este

contexto. Para a construção da carta linguística foram selecionados contextos entre os dados de cada ponto de inquérito distribuídos em cinco municípios: Inhangapi, Irituia, Marapanim, São Domingos do Capim e São Miguel do Guamá, respectivamente compostos por nove comunidades: Cumaru e Boa Vista, Itabocal, Camará e Monte Alegre, Catita e Taperaçu, Canta Galo e Tatuiaia.

Na tabela abaixo, é mostrado o uso da variação lexical do item 97 do QSL adaptado, considerando os dados que foram selecionados conforme fatores diatópicos, diageracionais e geral.

Tabela 1 – Quantificação geral da variação diatópica.

Variantes	Cumaru	Itabocal	Camará	Catita	Canta Galo	Tatuiaia
Empleiteiro	X				X	X
Trabalhador	X					
Diarista		X		X		
Peão			X		X	X
Vaqueiro			X			
Braçal			X			
Homem que faz bico			X			
Empregado				X	X	

Fonte: elaborada pela autora.

A tabela 1 acima corresponde à quantidade de ocorrências de cada uma das variantes correspondentes a variação do contexto 97 do QSL adaptado, Entre essas variantes, com maiores números de ocorrências identificadas, destacam-se “empleiteiro” e “peão”, ambas com três ocorrências, enquanto as demais ocorrem em menores índices, como: “trabalhador”, “vaqueiro”, “braçal” e “homem que faz bico” com uma ocorrência cada, “diarista” e “empregado” com duas ocorrências cada.

Na tabela abaixo são mostradas as quantidades literais e os respectivos valores percentuais de cada uma das variantes encontradas para o contexto 97 do QSL adaptado.

Tabela 2 – Percentual geral das variantes.

Variantes	Totais	Percentuais
Empleiteiro	7	26,92
Trabalhador	1	3,84
Diarista	5	19,23
Peão	6	23,07
Vaqueiro	1	3,84
Braçal	1	3,84
Homem que faz bico	1	3,84
Empregado	4	15,38
Total de variantes:	26	100%

Fonte: elaborada pela autora.

Tabela 3 – Quantificação geral da variação diagenérica.

Variante	Homens/Quant. de ocorrências%	Mulheres/Quant. de ocorrências%	Total
Empleiteiro	2/28,57	5/71,42	7/100%
Trabalhador	0/0%	1/100%	1/100%
Diarista	3/60%	2/40%	5/100%
Peão	3/50%	3/50%	6/100%
Vaqueiro	0/0%	1/100%	1/100%
Braçal	0	1/100%	1/100%
Homem que faz bico	0	1/100%	1/100%
Empregado	2/50%	2/50%	4/100%

Fonte: elaborada pela autora.

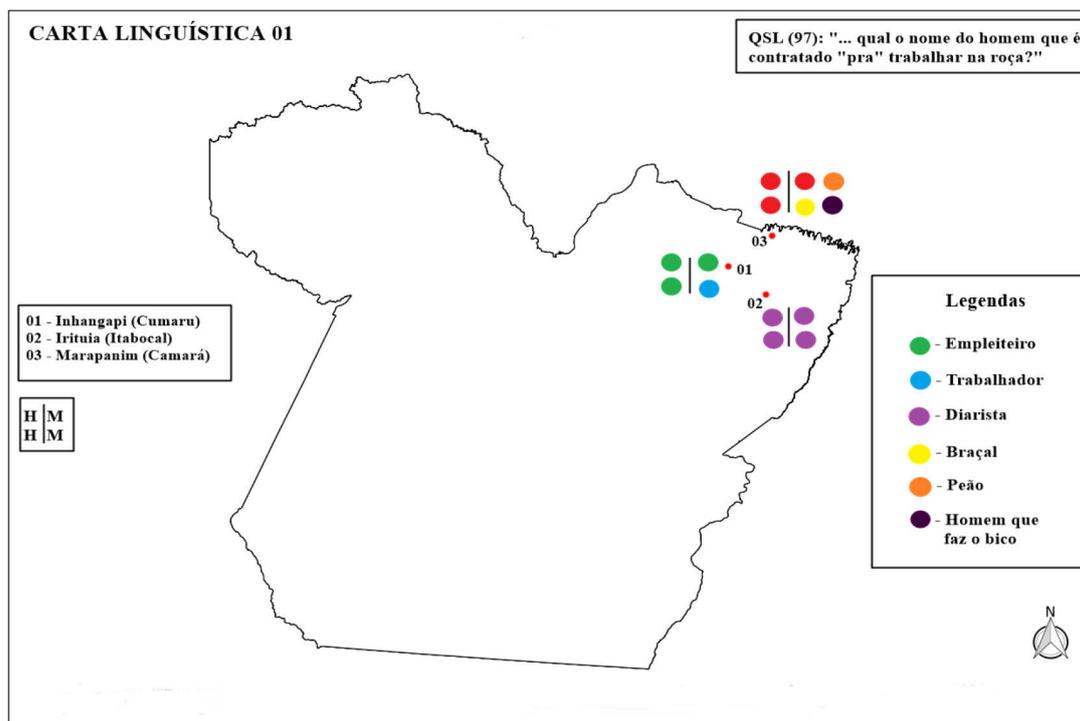
Na Tabela 3, é possível verificar o comportamento da variante a partir do aspecto diagenérico, ou seja, do sexo de cada colaborador por ponto de inquérito, em termos de quantidade de ocorrências e percentuais alcançados em cada uso das variantes. Assim, ficou evidente que as mulheres tendem a variar mais do que os homens no seu falar, pois os números encontrados e indicados na tabela acima apontam que esse grupo apresenta o uso de um léxico mais diversificado no que tange ao contexto 97 (**trabalhador de enxada em roça alheia** - homem que é contratado para trabalhar na roça de outro?) do QSL adaptado.

Considerando o foco do trabalho direcionado para a identificação de possíveis variantes linguísticas na fala dos usuários da língua portuguesa, é mister enunciar que os fatores extralinguísticos: geográfico, social, etário e cultural foram trabalhados por ocasião da seleção dos municípios e comunidades de fala como *locus* da pesquisa e da escolha dos informantes, considerando os critérios geossociolinguísticos que observam os fatores sexo, faixa etária, escolaridade e permanência do informante na região pesquisada.

A Carta Linguística mostra o resumo do comportamento da variação do contexto 97 em aspectos diatópicos e diageracionais, para tanto, todas as variantes encontradas foram organizadas a partir do seu uso, divididas entre os colaboradores do sexo feminino e do sexo masculino de três dos municípios pesquisados: Inhangapi (Cumaru), Irituia (Itabocal) e Marapanim (Camará). Vale ressaltar que as tabelas mostradas acima explicam de forma mais detalhada o que a carta ilustra sobre a variação lexical.

A escolha de apenas três regiões para a elaboração desta carta foi devida à proximidade das regiões, fato que dificultaria a visualização tanto dos pontos de inquérito, quanto do esquema para a amostra do uso da variação. Bem como esta, as demais regiões aqui pesquisadas também foram apresentadas em outras Cartas Linguísticas.

Figura 4 – Carta linguística.



Fonte: elaborada pela autora.

Os municípios e suas comunidades, *locus* da pesquisa, são dotados de riqueza lexical, devido à interação da língua portuguesa com a língua indígena e a influência dos grupos afros e de imigrantes europeus e asiáticos que passaram por esses locais, compondo um vasto léxico com características peculiares de uso frequente na oralidade dos que habitam as comunidades dos municípios pesquisados.

5 Considerações finais

Toda língua apresenta variações. A língua portuguesa não fugiu à regra, pois além do português considerado padrão, apresenta variação em seus usos, que tende a ser maior na língua falada que na língua escrita. Essa variação pode ser entendida por meio do percurso histórico da língua no tempo e no espaço.

O fenômeno da linguagem sempre foi um tema instigante para o ato de pesquisar, o que lhe proporcionou a permanente ocupação de um papel de destaque enquanto objeto de estudo, por esse motivo, teóricos do mundo todo, constantemente

tentaram e continuam a tentar explicá-la por meio de sua estrutura, seu funcionamento e suas relações.

Há muito, são realizados estudos sobre a questão da variação linguística, cujos resultados proporcionam a constatação da existência de estreitas relações entre as formas da língua e os diferentes grupos sociais que as utilizam, a língua e sociedade, o estudo da estrutura e da evolução da linguagem dentro do contexto social de uma comunidade de fala.

A pesquisa, aqui explicitada, foi uma iniciativa de docentes e alunos integrantes do Núcleo de Estudos Linguísticos e Literários – NELL e do grupo de pesquisa “Linguagens e Tecnologias” do Centro de Ciências Sociais e Educação da UEPA; pessoas que se debruçaram, primeiramente, nos aportes teóricos e, deles, retiraram os subsídios para que a pesquisa tivesse solidez.

O conhecimento adquirido na empreitada, propiciou aos docentes e discentes pesquisadores, elementos que os levou, primeiramente, a alcançar o objetivo estabelecido e conseguir respostas aos questionamentos relacionados às variações do português nas comunidades de fala localizadas em municípios do Estado do Pará. Pretende-se que este trabalho venha servir de fonte de conhecimento para as pesquisas na área de estudos linguísticos, trazendo contribuições importantes para o estudo da língua portuguesa brasileira, promovendo, com isso, um maior interesse das comunidades acerca de suas culturas linguísticas, ajudando-as a desenvolver maior consciência sobre a importância de conhecer a língua e suas variações, desmistificando o preconceito linguístico.

Os resultados desse estudo podem ser considerados inéditos em virtude de não existir, ainda, um trabalho a respeito da fala dessas comunidades, valendo ressaltar que a divulgação de tais resultados, na comunidade, aguçará a atenção dos moradores para a transformação do seu falar ao longo dos anos, além de contribuir para a descrição da língua portuguesa brasileira, no referente à composição de uma parcela

do quadro representativo dos mais diversos tipos de falares do Pará, à medida que novas pesquisas sejam concretizadas nas diferentes regiões do Estado.

Entre os possíveis impactos, está a questão de tornar claro para os nativos algo a que eles não dão muita importância por ser tão corriqueiro: o uso da sua língua. Será impactante para os nativos a percepção de que há anos, a língua não era falada do mesmo modo que é hoje, de que a língua, não sendo uma realidade estável, vive em constante mudança; por isso, faz-se necessário que outros apanhem as ideias, aqui contidas, e as joguem a outros, de modo que mais estudos e pesquisas sobre o assunto sejam feitos, num processo contínuo, mutável e inovador como soe o idioma falado.

Referências Bibliográficas

AGUILERA, V. A. Arcaização, mudança e resistência lexicais em atlas linguísticos brasileiros: o rural e o urbano. *In: DÖLL, C. et al. (org.). De arte grammatica: Festschrift für Eberhard Gärtnerzuseinem 65. Geburtstag. Frankfurt am Main: Valentia, 2010. p. 19-32.*

AGUILERA, V. A. Estudos dialetológicos no Paraná: caminhos e perspectivas. *In: GÄRTNER, E.; HUNDT, C.; SCHÖNBERGER, A. (org.). Estudos de geolinguística do português americano. Frankfurt am Main: Valentia, 2009.*

AGUILERA, V. A. Crenças e atitudes lingüísticas: quem fala a língua brasileira? *In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (org.). Português brasileiro II: contato linguístico, heterogeneidade e história. Niterói: Ed. da UFF, 2008. p. 311-333. Alfa, São Paulo, 56 (3): 871-889, 2012.*

ALTENHOFEN, C. V. A Constituição do corpus para um “Atlas Linguístico-Contatual” das Minorias Alemãs na Bacia do Prata. *In: Martius – Standen-Jahrbuch, São Paulo, n. 51, p. 135-165, 2004.*

ARAGÃO, M. S. S. Atlas Linguístico do Brasil - Estado da Paraíba - ALiB-PB. **Conceitos**, João Pessoa, v. 5, p.4 2-48, 2004.

BRANDÃO, S. F. **A geografia linguística no Brasil**. São Paulo: Ática, 2009.

BAGNO, M. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz.** 29ª ed. São Paulo. Loyola, 2015.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem.** 5ed. São Paulo: Hucitec, 1990.

BELINE, R. A variação linguística. *In:* FIORIN, J. L. **Introdução à Linguística I. Objetos teóricos.** São Paulo. Contexto, 2011. p. 121-140.

CABRAL, A. S. A. C.; RODRIGUES, A. D.; MIDLIN, B.; BRAGA, A. Línguas entrelaçadas, uma situação sui generis de línguas em contato. **Papia**, v. 21, n. 2, p. 221-230, 2011.

CÂMARA Jr., J. M. Língua e cultura. *In:* Uchôa, C. E. F. (sel. e introdução.) **Dispersos de J. Mattoso Câmara Jr.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1972.

CARDOSO, S. A. M. da S. **Geolinguística: tradição e modernidade.** São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CARDOSO, M. P. S. da S. **Um estudo semântico-lexical com vistas ao Atlas Linguístico da Mesorregião do Marajó/PA.** Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa. Universidade de São Paulo, USP, 2002. (Tese de Doutorado).

CARDOSO, M. P. S. da S. **Oralidade e escrita: uma análise prosódica da leitura oral na escola.** Universidade Federal do Pará, Belém, 1997 (Dissertação de Mestrado).

CHOMSKY, N. **Aspects of the Theory of Syntax.** Cambridge, Massachusetts: the MIT Press, 1965. DOI <https://doi.org/10.21236/AD0616323>

CHOMSKY, N. Conhecimento da História e construção teórica na Linguística Moderna. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 13. SPE, p. 133-155, 1977. DOI <https://doi.org/10.1590/S0102-44501997000300005>

COELHO, I. L. *et al.* **Para conhecer sociolinguística.** São Paulo: Contexto, 2015.

COSERIU, E. **Sentido y Tareas de laDialectología.** México: Universidad Nacional Autónoma de México / Instituto de Investigaciones Filológicas, 1982.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Atlas Linguístico do Brasil: Questionários.** Londrina: Ed. UEL, 2001.

CRUZ, E. **História do Pará**. Belém: UFPA, v. 2., 1963. (Coleção Amazônica. José Veríssimo). Disponível em: <http://livroaberto.ufpa.br/jspui/handle/prefix/99>.

D'ANGELIS, W. R. **Revitalização de línguas indígenas: como fazemos**. Curte Nimuendajú. São Paulo, 2019.

DIETRICH, W.; THUN, H.; SYMEONIDIS, H.; AQUINO, A. Atlas Lingüístico Guaraní – Románico. Tomo 1: Léxico del cuerpo humano (Dialectología pluridimensionalis Románica). **Revista Internacional de Lingüística Ibero-americana**, Vol. 8, Miscelánea de lingüística Ibero-americana, p. 239-242, 2010.

DUBOIS, J. *et alii*. **Dicionário de lingüística**. São Paulo: Cultrix, 1978.

FARACO, C. A. **Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

FARACO, C. A. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo, SP: Parábola, 2008.

FERREIRA, Aurélio. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3 ed. Rio de Janeiro, 2009.

FERREIRA, C.; CARDOSO, S. **A dialectologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

FIORIN, L. J. **Linguagem e ideologia**. Ática. São Paulo, 2005.

FREIRE, P. **Educação como Prática de Liberdade**. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2005

GUEDES, R. **Estudo Geossociolinguístico da variação lexical na zona rural do Estado do Pará**. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2012.

HODSON, T. C. Sociolinguistics in India. **Man in India**, v. 19, p. 94-98, 1939.

ISQUERDO, A. N. Os atlas regionais brasileiros publicados e em curso: percursos metodológicos. *In*: MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M. (org.). **Documentos 2: projeto atlas lingüístico do Brasil**. Salvador: Quarteto, 2006. p. 67-94.

JAKOBSON, R. **Relações entre a ciência da linguagem e as outras ciências**. Lisboa: Bertrand, 1973.

LABOV, W. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, W. Where does the Linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. **Sociolinguistic Working Papers**, p. 43-88, 1978.

LABOV, W. Building on Empirical Foundations. *In*: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. **Perspectives on Historical Linguistics**. Amsterdam: John Benjamins, 1982, 17-92.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MATTOSO, J. C. Jr. **Estrutura de Língua Portuguesa**. Ed. Vozes, Petrópolis, 2009.

MELLO, H.; ALTENHOFEN, C.; RASO, T. **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

MOLLICA, C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. *In*: MOLLICA, C.; BRAGA, M. L. (org.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2004. p. 9-14.

MONTEIRO, J. L. **Para compreender Labov**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

MOTA, J.; CARDOSO, S. Sobre a Dialectologia no Brasil. *In*: MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M. **Documentos 2: Projeto Atlas Linguístico do Brasil**. Salvador: Quarteto, 2006. p. 15-34.

MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. **Introdução à linguística—domínios e fronteiras**. Editora Cortez, 2009.

PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R. History of sociolinguistics: introduction. *In*: **Sociolinguistics: the essential readings**. Malden: Blackwell Publishing, 2003.

PEREIRA, A. **Estudo morfossintático do Asuriní do Xingu**. 2009, Tese (doutorado em linguística), Unicamp, Campinas, 2009.

RADTKE, E.; THUN, H. Nuevos caminos de la geolinguística románica. Um balance. *In*: RADTKE, E.; THUN, H. **Neue Wege der Romanischen Geolinguistik**. Kiel: Westensee-Verlag, 1996. p. 25-49.

RODRIGUES, A. D. Os estudos de linguística indígena no Brasil. **Revista de Antropologia**. São Paulo, 12:09-21, 1963.

RODRIGUES, A. D. Relações internas na família linguística Tupi-Guarani. **Revista de Antropologia**. São Paulo, n. 27/28, p. 33-53, 1985.

RODRIGUES, A. D. ; CABRAL, A. S. A. C. Revendo a classificação interna da família Tupi-Guarani. *In: Atas do I Encontro Internacional do GTLI da ANPOLL*. Belém: EDUFPA, 2002.

SILVA, G. F. da. **Construindo um dicionário Parakanã-Português**. Dissertação (mestrado em linguística), UFPA, Belém, 2003.

SOLANO, E. de J.B. **Descrição gramatical da língua araweté**. 2009, Tese (doutorado em linguística), UnB, Brasília, 2009.

TARALLO, F. **Tempos Linguísticos – itinerário histórico da língua portuguesa**. Ed. Ática, 1990.

THUN, H. La géographie linguistique romane à La fin Du Siècle. Congrès international de linguistique et philologie romanes, 22., 1998a, Bruxelas. **Actes**. v.3. Vivacité et diversité de lavariación linguistique. Tübingen: Niemeyer, 1998a. p. 367-388. DOI <https://doi.org/10.1515/9783110933109.367>

THUN, H. La geolinguística como linguística variacional general (conejemplos del Atlas linguístico Diatópico y Diastrático do Uruguay). Congresso Internazionale di linguistica e filologia romanza, 21, 1995, Palermo. *In: RUFINO, G. (org.). Atti. Tübingen: Niemeyer, 1998b. p. 701-729. DOI <https://doi.org/10.1515/9783110934038.701>*

THUN, H. Movilidad demográfica y dimensión topodinámica: Los montevidEOS em Rivera, *In: RADTKE, E.; THUN, H. (org.). Neue Wege der Romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur Empirischen Dialektologie*. Kiel: Westensee, 1996. p. 210-269.

THUN, H. O português americano fora do Brasil. *In: GÄRTNER, E.; HUNDT, C.; SCHÖNBERGER, A. (ed.). Estudos de geolinguística do português americano*. Frankfurt a M.: TFM, 2000a. p. 183-213.

THUN, H. Introduction à la tablerond. Congrès international de linguistique et philologie romanes, 22, 2000b, Bruxelas. **Actes**. v. 3. Vivacité et diversité de

lavariación linguistique. Tübingen: Niemeyer, 2000b. p. 407-409. DOI <https://doi.org/10.1515/9783110933109.407>

THUN, H. A dialetologia pluridimensional no Rio da Prata. *In*: ZILLES, A. M. S. (org.). **Estudos de variação linguística no Brasil e no Cone Sul**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2005. p. 63-92.

Artigo recebido em: 24.07.2021

Artigo aprovado em: 26.10.2021